

## **DICK: um caso de Melanie Klein**

**Diana Lúcia Paiva Oliveira**

Psicóloga e Psicanalista Formação em Psicologia–Facho.  
Especialização em Saúde Mental, Atenção Básica, CAPS, Álcool e outras drogas –Fafire.  
Membro do Centro de Estudos Freudianos do Recife.  
Licenciada em Psicologia pela Faculdade de Ciências Humanas de Olinda- Facho.  
E-mail: daioliveira\_23@hotmail.com

**Ladjane de Fátima Ramos Caporal**

Professora da Faculdade de Ciências Humanas de Olinda - Facho.  
Doutoranda em Meio Ambiente e Sociedade pela universidade Pablo Olavide (Sevilla/Espanha).  
Mestra em Extensão Rural e Desenvolvimento Local pela UFPE.  
Psicológica, Psicanalista, membro do Centro de Estudos Freudianos do Recife.  
E-mail: ladjane.caporal@gmail.com

**Gleci Mar Machado de lima**

Professora da Faculdade Sete de Setembro – FASETE.  
Psicanalista do Centro de Estudos Freudianos do Recife–CEF. Especialista em Psicomotricidade.  
Mestre em Psicomotricidade pela Universidade de Évora Portugal.  
E-Mail: glecimachado@yahoo.com.br

### **RESUMO**

Objetivo desse trabalho é apresentar o Caso Dick, de Melanie Klein. Porém, faremos um breve relato a respeito da vida de Klein, a exemplo, da origem, casamento e dor e seu encontro com a psicanálise e em seguida, chegaremos na história do caso Dick na clínica psicanalítica a partir da análise de Dick a respeito da clínica com criança autista. Por fim, a visão de Klein sobre Dick. Em seu artigo “A importância da formação de símbolos no desenvolvimento do ego“, publicado em 1930, Melanie Klein discorre sobre o Caso Dick, um menino de quatro anos de idade que se encontrava no nível intelectual de uma criança de 1 ano e 3 meses. Para Klein, Dick apresentava um quadro incomum, pois ele era diferente de todos os outros que ela já havia tratado e não se encaixava inteiramente em nenhum diagnóstico conhecido em seu tempo. O registro do caso Dick teve enorme repercussão. Ele tem sido amplamente discutido na psicanálise por diversos autores, sendo considerado um caso clássico de uma criança em sofrimento psíquico grave.

**Palavras-chave:** Maternalização primária.

### **ABSTRACT**

This work aims to present the Case Dick, by Melanie Klein. However, we will conduct a previous description about Klein’s life, like her origins, her marriage, her pain and her relation with psychoanalysis; therefore, we get to the history

of Case Dick in the psychoanalysis through the analysis of Dick about the treatment with autistic children. Finally, it is shown Klein's view about Dick. In her article "The importance of symbol formation in the development of ego", published in 1930, Melanie Klein talks about the case Dick, a 4 year old boy that happened to have the intellectual level of a 1 year old child. For Klein, Dick presented in uncommon case, because he was different from all the others that she had already treated and didn't completely fit any known diagnosis at the time. The register of the case Dick had enormous repercussion. It has been widely discussed in psychoanalysis by many authors, being considered a classic case of a child suffering from serious psychic issues.

**Keywords:** Primary mothering.

## 1 INTRODUÇÃO

Esse artigo retrata o caso de Dick, um menino que nos primeiros meses de vida, demonstrava indiferença ou recusa diante da figura materna, a ponto de recusar o peito e quase morrer de inanição. Aos cinco meses sofria para defecar ou urinar. Quando começaram a lhe oferecer alimentos sólidos, se recusou a mastigar e rejeitava tudo o que não tivesse a consistência de mingau, a ponto de sofrer de transtornos digestivos. Para Klein, Dick apresentava um quadro diferenciado, visto que na época, retratou uma repercussão e ainda hoje tem sido discutido no meio psicanalítico por diversos autores, sendo considerado um caso clínico clássico não apenas da neurose, mas também dos estados mentais depressivos e esquizóides, em crianças e adultos. A partir daí, sua história e seu percurso analítico foram indissociáveis.

Nascida Melanie Reizes, Klein adotou o sobrenome do marido, o engenheiro químico Arthur Klein, com quem teve uma união infeliz e malsucedida. Entretanto, perdas trágicas marcaram a história de Klein e se refletiram em sua obra.

## 2 MATERNALIZAÇÃO PRIMÁRIA

Enquanto Anna Freud fugia do maternalismo, Melanie Klein o acolheu no que tinha de bom e de ruim. Com isso, promoveu uma revolução na psicanálise, desde a preocupação com a subjugação dos instintos "anárquicos" da criança - como dizia Anna - até uma compreensão dos

instintos como algo sempre relacionado com o outro, a começar pela mãe, amada e odiada. Klein demonstrou progressivamente que essas relações é que constituíam a matéria-prima da vida mental e não os instintos, despojados da relação com o outro. Dor, violência e paixão são três termos que definem perfeitamente a vida de Melanie Klein.

Melanie Reizes nasceu em Viena em 30 de março de 1882, numa família judia. Seu pai, Moriz Reizes, era galiciano e meio radical. Na juventude, rebelara-se contra a rígida ortodoxia judaica da família, tornando-se médico, em vez de rabino, e se divorciando de sua primeira esposa de um casamento arranjado. Já havia chegado à meia idade, quando conheceu a mãe de Melanie, Libussa Deutsch, vinte anos mais moça que ele, era uma pessoa complexa e onipresente. Bonita e culta, autoritária e insatisfeita. Mas foi à mãe e a sua esclarecida família judia eslovaca, e não ao pai e seus parentes, que ainda usavam o kaftan da indumentária cerimonial, que Melanie mais se afeiçoou. Sua mãe, recordou ela depois, foi um dos grandes esteios e exemplos de sua vida. Relembrou-a como sendo de rara beleza, uma perfeita “dama”, e muito mais jovial e compreensiva que Moriz que já era um cinquentão quando Melanie nasceu. Acima de tudo, ela admirava o interesse da mãe pela arte e a sede de conhecimento e dedicação à aprendizagem que havia em sua família. Foi a última de quatro filhos, quando Melanie nasceu, Emilie tinha seis anos, Emmanuel cinco anos e Sidonie quatro anos.

Era uma família de grande riqueza intelectual, sem dúvida apaixonante, mas de relações passionais: o amor fusional, o ciúme e as censuras, as rejeições, as crises de fúria e a culpa ritmavam a vida dessa família exagerada, que logo teria de enfrentar as humilhações da falta de dinheiro e do anti-semitismo por ser uma família judia.

A pequena Melanie foi mergulhada num turbilhão de sentimentos e movimentos contraditórios, em cujo seio teve que se afirmar. Admirava os pais, principalmente a mãe. Venerava o irmão Emmanuel, tão talentoso que a iniciou em numerosos campos da arte e do pensamento, e sobre quem ela diria, tempos depois: “ele foi meu confidente, meu amigo, meu professor...” Emmanuel deixou-se morrer, longe de todos, aos vinte anos. Há muito vinha sofrendo de problemas cardíacos, depois de uma febre reumática que tivera aos doze anos, tinha resolvido aproveitar ao máximo os poucos anos que lhe restavam, dedicando-se a escrever e viajar. O luto foi ainda mais terrível para a família por repetir outro luto antigo: quando Melanie ainda não tinha cinco anos, Sidonie, sua irmã quatro anos mais velha do que ela havia morrido de tuberculose. Mais tarde, Melanie renunciaria a seu desejo adolescente de se tornar médica e psiquiatra. Apenas faria durante algum tempo, cursos de arte e de história.

Casou-se muito jovem com Arthur Klein, um amigo de seu irmão, apenas um ano depois do falecimento de Emmanuel. Um casamento sem amor. Melanie acompanhou o marido, que era engenheiro químico, muitas vezes indo para regiões isoladas. Levava uma vida de dona de casa e “atirou-se, em suas palavras, na maternidade”. Teve três filhos: Erich, Hans, Melitta. Hans morreria num acidente de alpinismo, onde se levantou a suspeita de suicídio. Melitta se tornaria psicanalista e teve sérios desentendimentos com a mãe.

Klein adoeceu na Suíça, de onde foi embarcada de volta para casa por sua ex-analisanda Esther Bick. No hospital, foi operada de um câncer, trabalhou com Elliott Jacques nas provas do texto do caso clínico de Richard, e quebrou a bacia ao cair da cama, em decorrência da mesma obstinação que garantira a sobrevivência de suas ideias pioneiras, em oposição à ortodoxia freudiana. Klein morreu em 22 de setembro de 1960. Sua amiga e renomada pianista Rosalyn Tureck tocou Bach em seu funeral. No mesmo dia, sua filha, a quem ela legou suas jóias, fez uma conferência em Londres usando botas vermelhas.

### **3 O ENCONTRO COM A PSICANÁLISE**

No ano de 1910, Melanie Klein ainda não era a célebre psicanalista, a personalidade forte que depois conheceríamos. Nessa época, sofria de depressão e passava temporadas em clínicas. Só depois dos trinta anos foi que descobriu a psicanálise, ao ler um livro sobre o sonho, de um certo Dr. Sigmund Freud. Foi uma revelação, assim como a esperança de que seus sofrimentos, aquilo que afetava suas relações e as de seus parentes, tivessem uma significação. E foi, acima de tudo, uma convicção imediata: seu destino a ligava ao futuro da psicanálise.

A partir daí, sua história pessoal e seu percurso analítico foram indissociáveis. No conturbado contexto político e social da época, ela emigrou sucessivamente para Budapeste, Berlim e Londres, havendo conhecido três grandes figuras da primeira geração de psicanalistas: em Budapeste, Sándor Ferenczi, com quem entrou em análise; em 1924, em Berlim, Karl Abraham, com quem empreendeu uma segunda etapa da análise interrompida pela morte repentina do psicanalista; e por fim, Ernest Jones convidou-a a ir para Londres e a incitou a se instalar na cidade. Isso foi feito em 1926, com os filhos. Nesse meio tempo, Klein se divorciou.

Foram três encontros capitais e formadores com três discípulos eminentes de Freud, os quais, cada qual a sua maneira, não tardaram a reconhecer as qualidades excepcionais de Melanie Klein, os seus talentos e que a incentivaram e apoiaram em sua vocação e suas investigações no campo analítico com crianças.

O encontro foi menos afortunado com Freud, que tomou o partido de sua filha Anna nas controvérsias que opuseram as duas mulheres. Sua única conversa com o fundador da psicanálise, no Congresso de Berlim, em 1922, foi profundamente decepcionante: ele não se interessou pelo que Melanie dizia.

Melanie Klein teve que batalhar muito para fazer com que suas concepções inovadoras fossem reconhecidas. Sempre se apoiou na experiência clínica, construindo, à medida que avançava sua prática com as crianças, concepções teóricas e uma visão do psiquismo infantil pelas quais se deixou penetrar profundamente.

A princípio, ela observou seus próprios filhos, e seu primeiro analisando foi seu filho Erich. Hoje em dia, isso pode parecer chocante, mas na época dos primeiros balbucios da psicanálise de crianças, era uma prática extremamente corrente: analisavam-se os próprios filhos, os dos colegas ou amigos... e a domicílio. Aliás, hoje sabemos que os pais de Dick eram membros da Sociedade Britânica de Psicanálise.

No fim da década de 1920, Melanie Klein havia conquistado a maioria de seus colegas ingleses. Tinha ampliado a sua clientela. Os conflitos com Anna Freud estavam temporariamente apaziguados. Para ela, esse foi um período criativo e, talvez pela primeira vez, sereno.

#### **4 A HISTÓRIA CLÍNICA DE DICK**

A vida de Dick foi dramática desde o começo. Sua mãe tentou amamentá-lo, mas não conseguiu. Persistiu por várias semanas, em meio à angústia, mas foi um fracasso. Dick por pouco não morreu de fome. O menino tinha sete semanas quando se contratou uma babá, que passou a lhe dar mamadeiras, mas o mesmo se recusava a tomá-las. Foi preciso obrigá-lo. Além disso, Dick sofria de problemas digestivos.

O amor era estranhamente ausente nessa família: não havia calor humano em torno de Dick, nada de gestos de afeição por parte da babá nem de seu pai, sobretudo de sua mãe, desamparada diante desse filho que ela pressentira ser anormal desde o nascimento. Um “meio pobre de amor”, relações imediata e profundamente perturbadas, sofrimentos corporais: foi esse o mundo hostil em que Dick se viu mergulhado e no qual continuou a se debater. Assim, aos cinco meses, defecar ou urinar eram uma tortura. Quando começaram a lhe oferecer alimentos sólidos, ele se recusou a mastigar e rejeitava tudo o que não tivesse a consistência de mingau.

Houve uma melhora aos dois anos: outra babá foi contratada e a avó dele o hospedou durante uma longa temporada. Essas duas pessoas, novas em sua vida, cercaram-no de afeição e ternura, pacientemente. Dick pareceu sair de seu marasmo e retomar o curso de uma vida mais harmoniosa e normal. Aprendeu a andar, adquiriu o controle dos esfíncteres e desenvolveu sua inteligência. Aparentemente, adaptou-se melhor à realidade e enriqueceu sua linguagem, aprendendo maquinalmente várias palavras novas. Descobriu também a masturbação e, quando a babá o flagrou e o repreendeu sentiu medo e culpa, estava então com quatro anos. Tinha havido progresso e normalização, sem dúvida, mas no fundo nada estava resolvido, e os problemas essenciais persistiram.

No início de seu tratamento com Melanie Klein o menino ficava ausente para as pessoas e objetos que o cercavam e que, para ele, eram como que transparentes, desprovidos de sentido. Dick correu por toda parte, perdido. Não perguntou nada, não brincou e não exprimiu nenhuma emoção. Não reagiu, por exemplo, quando sua babá saiu, deixando-o com Klein. Não mostrou medo nem timidez, como faria a maioria das crianças na mesma situação.

Dick não avançava em seu desenvolvimento. Como os trens de que tanto gostava, parecia estar abandonado na plataforma de uma estação e haver renunciado a qualquer desejo de descoberta do mundo e de si mesmo. Seu corpo desajeitado fazia lembrar um fantoche desarticulado. Por último, não sentia dor física e, curiosamente não sabia utilizar facas nem tesouras.

Havia aprendido as palavras mecanicamente, um número restrito de palavras, que lhe permitiam formar frases elementares. Mas não havia realmente entrado na linguagem, que para ele era como uma casca vazia, uma casa rudimentar em que ele não morava e que não lhe interessava. Na maior parte do tempo, fazia “sonoplastia”; emitia sons repetitivos, sem significação, que não se dirigiam a ninguém. Quando procurava falar mais normalmente e utilizar seu escasso vocabulário, era de

maneira inadaptada e até num sentido de oposição. Assim, ele sabia muito bem pronunciar certas palavras, mas se a mãe lhe pedia que as repetisse, deturpava-as por completo.

Dick estava encerrado num universo estranho e frio, terrivelmente negativo. Sem esperança? Felizmente, dois elementos positivos, como dois pontos possíveis, ligavam-no à realidade dos outros seres humanos: seu interesse e curiosidade pelos trens e estações e também pelas portas e suas maçanetas, por seu abrir e fechar.

Era assim que se apresentava o pequeno Dick: um menino retraído, inatingível, com apenas alguns pontos de ancoragem na realidade, e cujo muro de indiferença Melanie Klein procurou derrubar imediatamente.

O terceiro dia de encontro com Melanie Klein foi um dia de angústia para Dick. Ele estava agitado, desde a chegada ao consultório. Correu a se refugiar no entre-duas-portas, experimentou a antecâmara escura, mas não conseguiu desfazer-se de uma tensão insuportável. Quem sabe ficando atrás daquela cômoda grande? Decididamente a coisa ia mal, Dick chamou Klein e implorou pela babá. Sensibilizou-se para o fato de que a analista procurava tranquilizá-lo, mas ficou aliviado, sobretudo, ao reencontrar a babá, no fim da sessão.

O que aconteceu durante essa terceira sessão? Havia um brinquedo novo: um carrinho carregado de carvão. Ele o apontou, pronunciando a palavra “cortar”. Klein entregou-lhe a tesoura, mas Dick não soube usá-la para atingir o seu objetivo: separar os pedacinhos de madeira que representavam o carvão. Klein o ajudou: surpreendente e assustador... Ele atirou longe o carrinho e seu conteúdo: “Foi embora!” E se enfiou entre as duas portas, passando a arranhá-las com as unhas. Mas onde se esconder? Lá no armário. Deslizou para dentro do estreito espaço escuro.

Quarto dia. Quando a babá saiu, Dick sentiu-se invadido por uma maré interna que se avolumou dentro dele e transbordou: e chorou. Não conhecia essa emoção. Não queria reviver o que havia acontecido na véspera, e assim afastou rapidamente o carrinho danificado. Mas nada escapava a Melanie Klein. Ela lhe disse que o carrinho representava sua mãe e Dick foi colocá-lo entre as duas portas.

Nesse dia, preferiu descobrir outros brinquedos e deixar escorrer a água da pia do lavabo, embora sentisse muito medo de se molhar, como quando urinava.

Segundo Lacan, Melanie Klein enfia o simbolismo com a maior brutalidade no pequeno Dick! Ela começa jogando imediatamente em cima dele as interpretações maiores. Ela o joga numa verbalização brutal do mito edípico, “Você é o trezinho, você pode foder a sua mãe”.

Esse modo de fazer se presta evidentemente a discussões teóricas, que não podem ser dissociadas do diagnóstico do caso. Mas é certo que depois dessa intervenção, alguma coisa se produz. Tudo está aí.

Os dias se passaram, sucederam-se as sessões. Ele gostava de reencontrar Klein, fiel em seu posto. No seu consultório era possível permitir-se muitas coisas, sem correr muito perigo. Podia-se brincar de comer ou de destruir. Um dia por exemplo, colocou um boneco na boca dizendo: “Chá papai!” Isso despertou muito interesse em Klein, que fez uma anotação em seu caderno. Às vezes, Dick tinha medo de se exceder e então depositava o boneco que tinha maltratado nos braços de Klein. Com isso, ele era recuperado.

Em outra ocasião, viu umas raspas de madeira no colo de Klein, que estava apontando um lápis. Disse-lhe: “Coitada da Sra. Klein!” E ela anotou: “empatia prematura”. Que estava querendo dizer?

Deixemos Dick com esse questionamento, num momento de sua análise em que ele ia de descoberta em descoberta e de emoção em emoção. A análise progrediu, de fato: aos poucos, Dick interessou-se por novos objetos, novos brinquedos. Procurou compreender como funcionavam e brincou de estraga-los. Alguns o inquietavam e, quando isso acontecia, fugia ou os colocava de lado, voltava-se para outros, dizia seu nome, experimentava uma nova brincadeira, ficava com medo e assim seguia.

Por exemplo, durante um certo tempo, evitou aproximar-se do armário, dedicando-se a um exame detalhado da pia e do aquecedor. Arranhava-os, batia neles, salpicava-lhes água e os entalhava com um canivete. Mas a angústia era demais. Então, voltava ao armário e estudava suas dobradiças e fechaduras. Entrava dentro dele e perguntava à Klein o nome das suas diferentes partes. Assim, o universo de Dick foi-se ampliando. Ele passou a se interessar mais pelas pessoas, pelos objetos e por seus nomes.

Melanie Klein interrompeu a narrativa da análise de Dick no momento em que esta vinha-se desenrolando havia seis meses. Sabemos hoje que perdurou dois anos. Nesse momento, Dick



havia fincado o pé na realidade. Falava. As coisas haviam adquirido sentido. Ele estabeleceu relações afetivas com a mãe e o pai.

Com Dick, Melaine Klein teve que dar um salto no desconhecido, antecipar-se às produções dele a partir daquilo que já sabia. A aposta parece ter dado certo, sem dúvida ficando à altura da forte convicção e do desejo que a moviam: os de uma desbravadora, pioneira na prática e da teoria psicanalíticas.

Após sua análise com Melanie Klein, Dick foi tratado por outra analista, Beryl Sandford, que o achou inteligente e muito tagarela, mas ainda muito dividido. Possuía uma memória extraordinária e conhecimentos consideráveis no campo musical, pelo qual era apaixonado.

Phyllis Grosskurth, biógrafa de Klein, reencontrou Dick quando ele estava com quase cinquenta anos. Pareceu-lhe simpático e meio infantil. Conseguiu arranjar um emprego que não implicava uma tensão excessiva. Sabia perfeitamente que era “Dick”, porque Melanie Klein tivera o hábito de ler para ele as passagens que lhe diziam respeito em seu artigo. Ao relê-lo, reagiu em vários momentos: quando Melanie Klein falou do pênis incorporado pela mãe, comentou: “Ela podia ter deixado para lá toda essa conversa mole!” A propósito do “pênis agressor”, exclamou: “Eu não fiz isso!” Quanto à urina como substância perigosa, disse: “É verdade!” Confirmou as brincadeiras com Melanie Klein e como costumava fechar-se no armário, “para me vingar... dos meus pais”. E acrescentou: “Se Melanie Klein estivesse viva, eu lhe telefonaria e diria: Agora já chega!”. Concluindo, explicou que gostava muito de Klein, que ela o consolava e o tranquilizava quando chorava. Dizia-lhe: “A vida não é tão má assim”.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Melanie Klein foi uma analista perseverante, trabalhou ardorosamente pelas crianças, utilizando a riqueza de sua imaginação, a partir do material produzido, para conduzir um processo duplo de experimentação e conceituação.

Foi exatamente por ter-se recusado a voltar as costas tanto a esse antagonismo quanto ao amor, nas relações mãe-filho, que Klein levou a psicanálise para tão longe de seu foco patriarcal e individualista anterior. Nesse processo, ampliou enormemente o alcance da teoria e da terapia freudiana, que passaram a abarcar a compreensão e o tratamento analítico, não apenas da neu-

rose, mas também dos estados mentais depressivos e esquizóides, em crianças e adultos. Com isso, ela chamou a atenção para o lugar ocupado, na cultura em geral, pela maternalização primária e pela divisão, inveja, perda, depressão e reparação nela envolvidas.

Em algumas semanas de encontros com essa criança enigmática e de contato tão particular que era Dick, a mesma não apenas foi capaz de modificar sua técnica habitual, como também de se formular perguntas que lhe permitiram desenvolver os conceitos necessários à compreensão dos mecanismos que estavam em ação, e conduzir a análise.

Afirmando desde o início que não se tratava de uma criança neurótica, mas de uma criança psicótica, ela estabeleceu e desenvolveu as ideias que viriam a se transformar nos fundamentos de sua teoria da psicose infantil. A teorização que propôs a partir do “caso Dick” foi de importância considerável e realmente constituiu uma descoberta na história da psicopatologia infantil.

Atualmente Dick é considerado por muitos especialistas uma criança autista. Observe-se, de passagem, que só quinze anos depois é que Leo Kanner veio a descrever essa entidade clínica.

Para Klein, tratava-se de esquizofrenia, o que remetia a uma fixação, precoce num estágio arcaico do desenvolvimento. Do ponto de vista genético, tratava-se de uma fixação, e não de uma regressão.

Por último, Melanie Klein deixou claro que nessa época, a seu ver, tal afecção era muito mais frequente nas crianças do que se costumava admitir e, muitas vezes, assumia a máscara do retardo mental.

Era preciso ampliar esse conceito, porque “uma das tarefas principais da psicanálise consiste em desvendar e tratar as psicoses infantis”. Entretanto, não devemos esquecer que estávamos em 1930...

## REFERÊNCIAS

- NASIO, Juan-David. **Os grandes casos de psicose**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.
- LACAN, Jacques. **O Seminário: os escritos técnicos de Freud**. v 1. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2009.
- SAYERS, Janet. **Mães da Psicanálise**: Helene Deutsch, Karen Horney, Anna Freud, Melanie Klein. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992.